PAULO SORIANO

HISTÓRIAS NEFASTAS

CONTOS DE TERROR, HORROR E FANTASIA

Grotesco & Arabesco
3. edição
2020

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Após anos militando no site **Contos de Terror**, Paulo Soriano montou o seu primeiro livro de contos, em que, da parte alta de Salvador, Bahia, ele mirava o outro lado do Atlântico em busca das raízes europeias do horror.

O que encontra é a tradição do conto gótico e sua arte atmosférica. Soriano deixa claro que conhece em profundidade essa tradição e que possui os recursos literários — descritivos e lexicais — para emular seus efeitos. No gótico, o mundo exterior, seja como construções ou corpos humanos, espelha a decadência moral dos personagens. É exatamente o que vemos no elenco de homúnculos, deformados, anões, fantasmas, lobisomens, vampiros, alquimistas, alienígenas, cientistas loucos, envenenadores e sombras de vida própria.

O livro é organizado cronologicamente — as primeiras histórias têm estilo e ambientação típicos do conto gótico, as últimas vão se modernizando e variando cenários, sem perder o vínculo com a atmosfera pesada dessa tradição.

Histórias Nefastas é como uma mansão antiga com novos recintos anexados ao longo dos anos: mais cantos sombrios e assustadores, onde se percebe as presenças fantasmagóricas de Emilly Brontë, E. T. A. Hoffmann, Edgar Allan Poe e H. P.

Lovecraft. Venha passar uma temporada aterradora nela, da qual não se esquecerá tão cedo.

Roberto de Sousa Causo

I - CONTOS MEDIEVOS

1. CONTOS VETUSTOS (SÉCULOS XII-XIV)

O HOMÚNCULO

Numa madrugada fria, em que chovia copiosamente, fui acordado por pancadas desesperadas na porta de minha cabana, para onde me recolhia sempre que as ruelas malcheirosas de Villach se tornavam insuportáveis.

Irritado, acendi o lume e, ao olhar através do postigo, surpreendi-me ao ver, num relance, a pálida silhueta de Hieronymus von Hohenheim.

Quando abri a porta para dar passagem ao velho amigo, o vento, que soprava da floresta, apagou a candeia. Von Hohenheim passou por mim sem dizer uma palavra e, ao fazê-lo, uma leve onda de calafrio me varreu, envolvendo-me com a vibração de um sino. Podia sentir que Von Hohenheim estava assustado. Embora não pudesse escutá-las, as batidas de seu coração de alguma forma vinham até mim e, sem qualquer dúvida, eu sabia que seu corpo todo estremecia.

Assim que acendi a lareira e lancei o olhar para o meu amigo, concluí que não me enganara em minhas sensações. Ele permanecia em pé, impassível. Mirava a lareira como se paralisado por uma força irresistivelmente dominadora. Servi-lhe a aguardente de seu agrado, mas ele não fez caso dela. Insisti:

— Bebe. Estás completamente molhado. O fogo da aguardente te fará bem.

Von Hohenheim tremia. Qualquer um suporia que era de frio. Mas eu, que o conhecia como a palma de minha mão, sabia perfeitamente que o medo o fazia vibrar.

Servi-me da aguardente e o convidei a sentar-se. Ele, resignado, obedeceu.

— O que eu irei contar-te parece loucura.

— O que aconteceu?

Meu amigo rangeu os dentes, numa reação nervosa. Examinando-o com mais atenção, vi que trazia o corpo todo coberto de lama. Deduzi que, conduzido por um desespero cuja origem eu ignorava, viera correndo. Caíra diversas vezes na lama, porque as suas calças tisnavam-se de lodos de diferentes colorações. Mas não arfava. Supus que Von Hohenheim quedara-se inerte em meus umbrais por um longo tempo antes de decidir-se por me pedir ajuda.

— Sabes que Phillipus, meu irmão, iniciou-me nas artes da Alquimia — disse-me ele, saindo aos poucos da letargia. — Há alguns anos, recebi de um mensageiro uma carta sua, na qual me confiava um segredo alquímico que ele, a bem de sua grande reputação, jamais ousaria partilhar com outrem senão comigo. E muito menos pô-lo em prática. Era uma fórmula para a produção de um homúnculo.

É evidente que Hieronymus von Hohenheim estava, de fato, louco. E, à medida que desfiava a sua história desvairada, mais eu me convencia de

que Von Hohenheim não apenas estava doido: estava completamente alucinado.

— Faz três anos que eu criei o homúnculo. A produção de um homúnculo é um processo longo e delicado, no qual um simples erro, uma mera distração, pode conduzir ao insucesso da empresa. Tanto a criatura pode não germinar, como pode evoluir para uma aberração. O primeiro passo para a produção de um homúnculo é a inserção de esperma humano em um alambique hermeticamente fechado, que é enterrado em esterco de cavalo. Durante quarenta semanas, o ser gestado deve ser mantido a uma temperatura igual à do útero de uma égua. Nesse tempo, o homúnculo se desenvolve gradualmente, alimentado por sangue humano. Ao final dos dez meses, infunde-se água destilada no alambique, que é levemente aquecido. O vapor o faz despertar e respirar como uma criança recém-nascida, da qual é uma miniatura. Disse-me meu irmão, em sua carta, que o homúnculo pode ser criado e educado como qualquer criança, até ficar mais velho e se tornar capaz de cuidar-se sozinho. Ele exige de nós a mesma dedicação que entornamos nos nossos filhos. É a pura verdade.

"Eu me afeiçoei à criatura, embora soubesse que ela, por não haver sido gerada no ventre de uma mulher, não possuía alma. Ela cresceu rapidamente e, ao término de outro ano, já estava adulta.

Confesso-lhe que eu a tinha como a um filho. Chamei-a de Johannes em tua homenagem!

"Foi por esse tempo que eu me casei com Olga. Johannes, malgrado dócil e obediente como um cãozinho, era muito impulsivo: a muito custo consegui conservá-lo longe da vista de Olga, embora ele soubesse que era seu dever manter-se a uma distância considerável da mulher. Tranquei-o, enfim, no meu laboratório, onde ninguém, nem mesmo Olga, sem minha expressa autorização, podia entrar. Quando se viu reclusa e abandonada, uma tristeza sem fim se apossou de minha criação. Como qualquer recém-casado, eu dedicava todo o meu tempo a Olga, e quase não mais me aventurava noutros experimentos alquímicos. Mesmo esquecido, mesmo abandonado, Johannes olhava-me como a um pai amoroso, com carinho e sem qualquer nesga de ressentimento. Mas, de entremeio à ternura de seu olhar, vinha uma expressão que eu soube interpretar perfeitamente: a amargura que flutua na densidade insondável do ciúme.

"Conquanto desprovido de alma, Johannes tinha as emoções e a inteligência de um ser humano. Com o coração ferido, ele bem poderia pôr seu intelecto a serviço de emoções tão primitivas quanto traiçoeiras.

"Todos sabem que ciúme e vingança andam juntos. Mas eu não podia crer, ou mesmo admitir, que Johannes pudesse fazer mal a Olga. Todavia,

olhando friamente a questão, eu sabia que, mantendo o homúnculo em minha casa, expunha a minha mulher a certos riscos.

"Antes mesmo de casar-me com Olga, eu a admoestara a nunca entrar em minha sala secreta. Ela manteve-se obediente, para a minha satisfação. Mas, depois de encarcerar furtivamente o homúnculo no laboratório, corri a ela e renovei a advertência. Agi muito mal. Despertei nela, e com um vigor redobrado, a adormecida curiosidade feminina.

"Certa noite, ao voltar a casa, após medicar no campo, deparei- me com uma cena estarrecedora: Olga gritava, com os braços estendidos contra a parede; acuado como um cão indefeso, Johannes tremia a cada grito que esvaía dos pulmões ensandecidos de minha mulher.

"Decerto que a simples presença de um homúnculo é capaz de assustar o mais corajoso dos homens... Mas Johannes... Johannes... Sim, amigo, meu experimento não foi propriamente um êxito. Errei em alguma coisa. Johannes era disforme. Era uma aberração.

"Olga ordenou: 'Livra-te dessa abominação! Imediatamente!'

Resoluto, prometi a Olga que assim o faria. Tomei Johannes nos braços e saí. Com a sua vozinha, que mais parecia um miado, ele me implorava que não o matasse. Em todo o trajeto ao

riacho, ele gritava: 'Não me mates. Não mates o teu pequenino. Não mates quem mais te ama.'

“Enquanto eu afundava a criaturinha indefesa no ribeiro, mergulhava, também, a minha alma no remorso. Afinal, ainda que monstruosa e desprovida de alma, eu a amava profundamente.

“Voltei para casa com o espírito destroçado. E tomei a resolução de não mais tornar a pensar no assunto.

“Mas, hoje, algo de horrendo aconteceu. Levantei-me bem cedo e, não tendo visitas a realizar, resolvi arejar os pensamentos à beira do ribeiro. De súbito, pareceu-me que, por instantes, algo se agitou e escapuliu das sebes naturais que orlam o riacho. Era ele, era o homúnculo. É lógico que estremeci. Vira o homúnculo por apenas um instante. Mas não podia haver dúvidas que era mesmo ele. E os seus ocelos rubros ardiam de ódio. Flamejavam por vingança.

“Corri para casa, mas era tarde demais. Olga ainda dormia quando ele a atacou. E destroçou o seu pescoço. Agora eu sinto... eu sei... que ele está à minha procura.”

Apiedei-me de meu amigo ensandecido a ponto de reprimir não poucas lágrimas. Então lhe disse:

— Hieronymus, nada há o que fazer. Aquece-te um pouco na lareira e vai dormir.

Foi neste momento que eu vi o homúnculo a esgueirar-se pela portinhola, que eu

descuradamente deixara aberta. Ele era ágil como os símios que os saltimbancos exibem em dias de feira. Correu para mim. Nos seus pequenos olhos escarlates havia tanto ódio que eu adernei nauseado. A criaturinha andrajosa estava quase nua e, certamente, não teria mais que quinze polegadas reais. Sua pele parecia a de um réptil escamoso e a sua carranca hedionda rivalizava com a das gárgulas mais horrendas da catedral de St. Pierre. Johannes voltou-se para Hieronymus, que o olhava com a face contorcida pelo horror. Agachado, o homúnculo ensaiou uma grotesca reverência, como se pedisse desculpas pelo que iria fazer. Por um momento, a coisa estava de fato constrita e respeitosa. A coisa penitenciava-se verdadeiramente. Eu vi a tristeza fulgurar em seus olhos de fogo. Depois, atirou-se impiedosamente ao pescoço do homem, e lá mergulhou os seus dentes castanhos e curvos, que antes pareciam garras de aves de rapina.

Em poucos instantes, Hieronymus estava morto. O medo e o pavor impediram-me de esboçar a mais tímida reação.

O homúnculo encarou-me consternado. Naquele preciso momento, eu assisti, mais ultrajado que espavorido, a um sacrilégio. Aquela cara deformada tinha um quê de semelhança com a do homem que o criara. Podia nela ver a inconfundível expressão de aflição que há pouco contemplara na face de Hieronymus von Hohenheim. Compreendi

que o monstrengo fora gerado e amamentado pelo esperma e pelo sangue de Hieronymus. Sim, a coisa era seu filho.

O homúnculo empertigou-se, como quem toma uma grave resolução. E atirou-se ao fogo da lareira, onde crepitou até o amanhecer.

QUANDO DEUS NOS ABANDONA

Para Fernando Ferric.

As vigorosas batidas que vinham da porta da cabana deixaram o coração de Thérèse em sobressalto. “Quando Deus nos abandona”, pensou Thérèse, “Lebourreau nos assoma.”

— Quem bate? — perguntou Thérèse, embora bem soubesse que Lebourreau, com a lanterna em punho, lançava a sua sombra maligna sobre os umbrais da pobre choupana.

Thérèse apertou ambos os filhos contra os seios, sentindo-lhes arespiração quente e irregular, típica dos moribundos devastados pela peste. E, arrastando-se como podia, recolheu-se ao ângulo mais remoto da parede. “Quando Deus nos abandona”, pensou Thérèse, “Lebourreau nos ilude.” O vento, que se esgueirava pelas frestas de adobe, trouxe consigo a voz calma e melódica do velho mago:

— Deixe-me entrar. Trago-lhe boas-novas!

De Lebourreau dizia-se, em toda Valônia, que era um bruxo astuto e poderoso. Ouvira da mãe que aquele ente medonho habitava cemitérios desolados, onde há séculos praticava sortilégios. Amiúde comentava-se que, nas noites de

plenilúnio, o mago reunia-se com as bruxas e, de corpos nus, realizavam o sabá. "Quando Deus nos abandona", dizia-lhe a mãe, "ele vem e nos ludibria!"

Há dois dias o pequeno Jean-Pierre corria livre pelos campos, gozando a imensidão das planícies e a luminosidade intensa do verão. Mas viera a peste, tão súbita quanto cruel, e, com o seu beijo nefando, cobrira o corpo do garoto de pústulas negras e aquosas, cujo odor desagradável entranhava-se no ar como se arauto da morte certa. E Cosette, com suas mãozinhas febris, não arredava dos seios maternos. Mas a menina decompunha-se ainda viva. Do corpo pequeno e desconforme fluíam emanações mefíticas, tão nauseantes que somente a mãe podia suportar. Como era avançado o estado de degeneração da criancinha! A enfermidade avançava célere naquele corpinho disforme. Cosette, silenciosamente, agonizava.

— Pobre Cosette — disse a mãe, beijando-lhe o rostinho cravejado de pústulas e de grosseiras ulcerações.

O vento trazia a voz melódica do velho bruxo:

— Deixe-me entrar. Ainda há esperanças. Trago-lhe uma esperança que o seu Deus esqueceu-se de lhe ofertar.

Jean-Pierre também morreria. Assim como aqueles cruzados que retornaram de Jerusalém. Mais algumas horas e todas as ulcerações eclodiriam num ruído surdo, salpicando, à pressão

incontrolável da febre sempre crescente, o líquido asqueroso na atmosfera impregnada de humores deletérios. O corpo, lacerado por ilhas de carne viva, precipitar-se-ia para uma tonalidade roxo-escura e, então, viria a inexorável decomposição da pele, da carne e das entranhas. E Cosette, agora, sangrava por todos os orifícios. Também — e principalmente — pela abertura do olho que lhe faltava. O outro era morto e oboval, projetado para fora como o de um camaleão.

Cosette nascera cega, corcunda e coxa. Pobre Cosette, condenada pelo Senhor a deambular desgraciosamente pelas planícies pedregosas da Valônia, fazendo de sua muleta uma bengala, e, de ambas, a sua sina, enquanto, curvada ao peso da corcova, estendia as mãos implorando migalhas dos viajantes. Não! Melhor assim. Melhor que o bom Deus ceifasse, desde já, um futuro tão hediondo!

— Entre — respondeu, finalmente, Thérèse.

A porta da choupana se abriu. O vento gemeu e rodopiou nas úmidas paredes de adobe. O mago entrou. Trazia numa das mãos uma lanterna que lhe iluminava a sobrepeliz carmim e o capuz escarlate. O luzeiro iluminou-lhe as faces cavernosas. Thérèse tremeu de pavor. O mago continuou, com sua voz mansa, que lhe escapava das ranhuras de uma fileira de dentes amolados:

— Tenho uma proposta.

— Leve-me. Mas cure os meus filhos.

— Não, não a quero. Quero Cosette. Quero a pequena.

— O que ganharei em troca?

— Jean-Pierre viverá.

Thérèse ponderou. Entregou a pequena.

— Decisão sábia — redarguiu o homem com gravidade. E acrescentou, piscando maliciosamente um olho de coruja:

— De que lhe serviria uma criança aleijada, se sobrevivesse?

Após uma pausa — uma longa e meditativa pausa —, o bruxo concluiu, prazerosamente, com as garras em riste para Cosette:

— Hoje sinto uma grande fome. Arranjar-me-ei bem com ela.

O mago mergulhou a criança nas rubras abas de sua sobrepeliz e saiu. Atrás de si ficou o farfalhar monótono de uma capa escarlate, sibilante ao vento que se decompunha em silêncio e se fazia silêncio, enquanto a solidão, coroada pelo desespero, ficava irremediavelmente para trás. Então, nesta mesma solidão, que era a imensidão de um casebre, um arrependimento cruciante reverberou na alma de Thérèse.

Cosette! A pequena e indefesa Cosette! Não seria justo que a peste a levasse, com seu corpinho repulsivo e disforme, para os campos sepulcrais? Não seria melhor assim? Se é que esta era a vontade de Deus, haveria por que se rebelar? Cosette já estava morrendo. Morrendo irremediavelmente.

Mas entregar Cosette aos dentes anavalhados daquela coisa imunda... Saciar a sede e a fome de tão abjeta criatura com as vísceras e o sangue inocente de sua filha... "Quando Deus nos abandona, Lebourreau vem para nos tentar e iludir..."

— Meu Deus, o que eu fiz? — bradou Thérèse, na fria escuridão de seu antro.

Thérèse arremessou contra a noite. Ganhou os campos e as planícies, clamando pela filha. Atirou-se violentamente aos bosques, caminhando sobre as sendas que se abriam ao fluxo luzidio do luar. E quando finalmente amanheceu e já retornava a casa, corroída pela densidade de um remorso seco e cáustico, Thérèse vislumbrou, ao longe, algo oscilar ao sabor da brisa matinal. Era um trapo. Era o corpinho de sua filha. A garota fora empalada num galho que, inclinado, deitava reverência ao chão. Traspassada pelo dedo arguto de um arbusto, Cosette trazia a garganta dilacerada por dentes tumultuosos e exibia, mais abaixo, o ventre rasgado por unhas longas e pontiagudas. Restos de entranhas, revolvidas e despedaçadas, estavam derribados ao solo forrado de folhas mortas. Mas algo de surpreendente acontecera! O corpinho de Cosette ganhara uma nova conformação. Dois belos olhos azuis, que poderiam perfeitamente enxergar, agora reluziam na face miúda e bela. A corcova desaparecera e a perna atrofiada recompusera-se em substância e perfeição.

— Lebourreau a consertou, antes de matá-la. Lebourreau ajeitou a minha menina só para devorar-lhe o sangue e algo doce de suas entranhas. Pobre Cosette! — Thérèse balbuciou, enquanto a pequena mão de Cosette, impelida talvez pelo vento ou mesmo por uma força sobrenatural, tão obscura quanto extraordinariamente absurda, buscava, pela última vez, o calor do seio materno. Thérèse gritou ao sentir que a mãozinha do cadáver comprimia tenazmente o seu peito. Sentiu que as pernas arqueavam. Que a mente refluía. Que a boca beijava o chão.

Quando voltou a si, depois de um longo pesadelo — que, àquelas alturas, lhe sabia aos lábios como belos sonhos —, seguido de um desfalecimento negro e espesso, já anoitecia.

Foram os gritos de Jean-Pierre que trouxeram Thérèse de volta àconsciência. Sim, Jean-Pierre clamava, não muito longe. Gritava pela mãe, Jean-Pierre. E como gritava! E como eram saudáveis os seus pequenos pulmões, antes impregnados de peste e purulência! Jean-Pierre estava vivo. Escapara milagrosamente à morte certa. Lebourreau cumprira a sua promessa... "Quando Deus nos abandona, Lebourreau..."

Pôs-se, então, a mulher a correr. Percorreu as sendas com os olhos enevoados por lágrimas tão densas que afundavam nas órbitas e se recusavam a cair. Por um momento, esqueceu-se completamente de Cosette. Teria Jean-Pierre só

para si. Teria Jean-Pierre curado, livre da febre e das pústulas nauseantes. Vivo de novo. Novamente vivo e saudável!

"... Lebourreau... nos ajuda!"

Ao chegar à clareira, viu que Jean Pierre equilibrava-se, como um bêbado, à porta da choupana de adobe. O garoto escapara à peste. Mas...

O garoto caiu.

Thérèse parou. Um choque. Seus pelos se eriçaram como se atraídos por uma auréola magnética. Uma auréola que os santos recusam e que os demônios impõem. E um frio violento, vindo de suas trôpegas entranhas, sacudia-lhe o corpo e enredava-lhe a alma infeliz, enquanto ouvia o garoto gritar.

"De que lhe serviria uma criança aleijada, se sobrevivesse?" A voz do mago fulminou a mente de Thérèse, que foi ao chão, com o corpo dominado por longos e dolorosos espasmos.

— Mãe! Mãe, estou cego! — bradava Jean-Pierre.

Thérèse, antes de contorcer-se na lama, vira que o olho direito de Jean-Pierre já não mais existia. E, com pavor, reparara que o olho esquerdo do pequerrucho, sujo e embaçado, saltava-lhe da órbita qual um ovo grotesco.

— Eu não posso andar! — urrava desesperadamente o menino, irremediavelmente coxo e esmagado por uma corcova medonha, uma

intumescência que lhe vergava o dorso deformado e lhe estufava o peito à semelhança de um pombo monstruoso.

À semelhança da pequena Cosette!

O ANÃO

Senhores, ouvi-me!

Peço a vossa permissão para conduzir os vossos olhos a um antro aterrador. E, desde já, imploro vosso perdão pelas cenas infames que, fatalmente, haverão de suceder.

Não, senhores, não vos assusteis inutilmente. O lugar para onde vos guio é sobremodo respeitável. Eu vos levo ao salão principal do castelo de Bran, outrora famoso pelas atrocidades cometidas pelo Conde Vlad, mas que hoje se notabiliza pela corrupção de suas estruturas e pela inevitável decadência de suas paredes, tão vacilantes e mesquinhas quanto as almas arruinadas dos que se esgueiram por suas sombras; almas que mal suportam a angústia e a aflição interiores, mas que se regozijam bem protegidas do furor do verão e das inclemências do inverno. Como a poeira sorrateira, o decesso e a decadência se instauram e se acumulam como se tivessem vida e evoluções próprias. E, espraiando-se em todas as direções, agem sem que sejam notados, até que os tetos se rendam a toda sorte de infiltrações, e das paredes emanem um suor viscoso, uma gosma fétida que juramos exsudar do âmago das pedras e dos tijolos. As poderosas vigas apodrecem como cadáveres. E os lustres, que decaem como teias de aranha das claraboias esfaceladas, assumem,

quando o dia entenebrece, a aparência sinistra de enforcados.

Hoje, amigos meus, ocorreu um espetáculo aterrador. Agora, o grande salão está vazio. Mas nada me custa recuar alguns momentos no passado.

Há poucas horas, estava o jovem príncipe — belo e terrível — a anunciar o que parecia ser uma maravilhosa diversão. Ao seu lado, a bela Ioana, que partilhava do mesmo sangue principesco, ardia em deleite e excitação. Mas Elisabeta, amante do suserano, aguardava o espetáculo com o coração constrito. Porque a ira do jovem príncipe era famosa. Eram implacáveis os seus desígnios e irreversíveis as suas decisões. Não foram poucos os bobos, saltimbancos e menestréis que feneceram por não terem caído no agrado do príncipe cruel e encantador.

Foi nesta noite que subiu a uma espécie de palco — que para muitos poderia ser o patíbulo —, armado para a especial ocasião, algo nunca dantes visto. Era a mais grotesca das grotescas criaturas. Dói- me descrevê-la. Por isso, senhores, eu vos pouparei das características mais hediondas desse ente pavoroso, dessa coisa horrenda, abundante em pelos, meio homem, meio animal, que, com as suas pernas arqueadas e trôpegas, ensaiou um bailado excêntrico. E eram tão ridículas, tão burlescas e monstruosas as suas evoluções que a pequena plateia — nobres e comensais da corte do príncipe valáquio — sucumbiu a uma modalidade de frenesi

incontrolável. Agitaram-se, pois, os convivas. Riram e macaquearam. Enfiaram-se numa espécie de excitação e de contentamento sórdidos. Gargalharam e motejaram com a fúria de possessos. Ainda posso sentir, a queimar nas minhas retinas, as toscas imitações que, no nobre salão, se faziam do pobre homem. Arremedos grosseiros, que acentuavam e excediam as deformidades do pobre anão e ainda mais evidenciavam e expunham a descortesia jocosa de seus aleijões.

Quando o bobo terminou o seu infame bailado, recolhendo os aplausos com os braços abertos e a cabeça humildemente inclinada, consultou os olhos de seu suserano. Então gelou, pois constatou que, embora a miúda plateia se contorcesse em risos e mofas ruidosamente alegres, tão joviais quanto nefandas, o príncipe permanecia impassível. Ao seu lado, Elisabeta estremecia de aflição. Ioana, satisfeita, ainda bailava e ainda sorria.

Com uma única palma de alerta, desferida pelo suserano, toda a plateia emudeceu. Um silêncio mortal caiu sobre a corcova do anão e reverberou no grande salão. E o silêncio inexpugnável permitiu a Elisabeta escutar, com horror, o descompasso que provinha do coração do pequeno homem. Ioana, porém, quase não continha o riso, e, embora lamentasse a brevidade do espetáculo, já antecipava o deleite grotesco, o

espetáculo maravilhoso e invulgar que seria o enforcamento de um anão aleijado.

O jovem príncipe se ergueu. Empunhou com empáfia a cimitarra, furtada aos otomanos, que lhe ia à cintura. E, com passos altivos, dirigiu-se ao pequeno homem.

— Vejo que agradaste, com teu corpo desconjuntado e teu bailado ridículo, aos fidalgos desta casa. Mas juro que nada do que vi foi do meu agrado. Antes me causou extrema repulsa e descontentamento.

Ao ouvir tão rudes palavras, pronunciadas com a inflexão de uma sentença de morte, o anão foi ao chão e se pôs a chorar convulsivamente.

A plateia delirou de contentamento. Elisabeta abaixou desoladamente a cabeça. Ioana exultou.

O suserano ergueu a espada. O anão fechou os olhos e, num reflexo, levou as pequenas mãos ao pescoço, aguardando o golpe.

— Mas vejo que pior ainda foi a reação de minha plateia. Se o espetáculo do anão foi desagradável, muitíssimo mais torpes e hediondas foram as evoluções caricatas que dele fizeram os meus cortesãos.

Dizendo isso, o príncipe ordenou ao anão que se erguesse e,surpreendentemente, fê-lo segurar a espada.

— Escolhe, dentre os meus, quem irás matar. Diz, dentre todos que aqui estão, quem fez de ti o pior arremedo.

— Sim, senhor! Bem observei quem me imitou com maior ênfase no ridículo. Mas poupa-me desta sina, porque sou apenas um bobo e não gosto de matar.

— Escolhe ou não verás a luz do dia.

O anão apontou. E creio que somente eu, que a tudo assistia atentamente, notei uma brevíssima e profunda contração na fisionomia do jovem príncipe. Porque era para Ioana, sua bela irmã, que o anão enristava o indicador.

O suserano arrastou a princesa pelos longos cabelos negros e a depôs aos pés do aleijado.

— Cumpre o teu dever, anão!

Embora pequeno, o homem tinha uma grande força. Com as mãos unidas ao cabo da cimitarra, fez vibrar um único golpe. Os gritos de Ioana cessaram imediatamente. A cabeça da princesa, segregada do corpo, sequer chegou a rolar. Permaneceu onde estava e, em sua imobilidade, conservou o mesmo olhar de pavor que dirigia ao irmão inclemente.

— Eis o teu prêmio e pagamento — disse secamente o príncipe, depositando a cabeça decepada no colo do anão. — Leva-o contigo. E jamais... nunca mais... ponhas os teus pés deformados nas pedras do castelo de Bran.

A MORTE ABSOLUTA

De onde estou, consigo divisar os muros da cidadela. Eles se elevam rudemente a partir de uma grande rocha, que, incrustada no cerne de uma áspera colina, mergulha subitamente num abismo profundo e desolador. Lá embaixo, lançando-se furiosamente contra os rochedos pontiagudos, as águas cálidas e espumantes de um mar sombrio enroscam-se nas fraldas da falésia com o cingir viscoso de uma víbora ondulante e traiçoeira. Do alto do pináculo que domina a grande praça, posso ouvir o seu monótono burburinho.

Vejo perfeitamente, com o único olho que me resta — o outro está irremediavelmente fechado —, o pórtico de entrada, que agora se encontra completamente aberto. Em uma das colunas jônicas que sustentam o portentoso teto de pedra de cantaria, o meu companheiro de gatunagem encontra-se preso em uma gaiola. Sei que ele ainda está vivo porque o vejo, vez por outra, deixar cair uma das pernas por entre as grades da pequena jaula oblonga. E ele balança aquela perna esquálida, aquele punhado de osso revestido de pele flácida, como se estivesse a agitar a sede imensa. A sede a que fora condenado a padecer até que a morte adviesse.

Mas eu o invejo no seu destino. Gostaria imensamente de estar cumprindo aquela pena

infamante, de estar dependurado numa daquelas gaiolas malcheirosas que servem de macabro ornato à entrada decrépita da cidadela. Sei que, vez por outra, algumas beatas dão-lhe furtivamente um punhado de água e atiram-lhe poucas migalhas de bolachas duras e mofadas.

De quando em quando, alguém passa por mim e esbraveja alguns escárnios. Cuspiria em minha face se me pudesse alvejar. Daqui de cima, com o meu único olho disponível, não enxergo o seu semblante iracundo, mas os meus ouvidos ainda estão apurados suficientemente para escutar e discernir a natureza dos impropérios que a mim se elevam. Estou em exibição, não sei há quantos dias, justamente para isso. Desde que fui executado. Desde que segregaram do meu corpo a cabeça num forte golpe de cutelo.

As moscas não me incomodam mais. Acostumei-me com elas. Temo apenas que uma beata piedosa escale a escada corrediça e, por compaixão, feche-me o outro olho. Não gostaria de cair de vez na escuridão.

Mas eis que o verdugo vem subindo o cadafalso. Ele me olha e faz justamente o que eu mais temia. Não por piedade, mas por dever de ofício. Um ofício que ele cumpre muito bem. Ninguém melhor do que eu para saber disso. Agora eu não vejo mais nada. Apenas sinto que ele me suspende — ou o que restou de mim — pelos cabelos desgrenhados, eleva-me à altura dos seus

olhos e me lança uma merecida escarrada na testa. Depois, atira-me sobre os ombros com indiferença, e leva-me consigo com a praticidade de quem conduz um simples bornal de caçador. Não sei para onde ele vai me conduzir. Eu agora sou um pingente lúgubre em suas mãos de carrasco.

O que sobeja de meu destino — e isso nem um pouco me apavora — está nas mesmas hábeis mãos que empunharam o cutelo sobre o meu pescoço. Não sei se ele me enterrará. Ou se me lançará falésia abaixo, ao encontro do mar borbulhante. Para mim, tudo isso é indiferente. O meu pavor é outro. Aos poucos, sinto-me privado dos sentidos, mas não da consciência. Em breve serei apenas consciência atirada num fosso escuro e perpétuo, num precipício sombrio de silêncio e imobilidade absolutos, onde o tempo recusa-se a fluir. Até quando permanecerei assim? Até quando estarei prisioneiro de meu crânio, escravo de meus próprios pensamentos? Queira Deus que a morte exista. Queira Deus que me sobrevenha a morte absoluta.

2. CONTOS MODERNOS (SÉCULOS XV-XVI)

A CRIATURA DO MAR

Não sei como sobrevivi. Se é que sobrevivi verdadeiramente.

O Urano, um galeão de bandeira espanhola, saíra do porto de Roterdã com destino às Antilhas, com escalas em Lisboa e nos Açores, mas foi surpreendido por uma tempestade, a poucas milhas do arquipélago. O dia estava claro e o ar diáfano. Respirava-se uma atmosfera luminosa e pura. Mas, de repente, do nada veio uma neblina fria, pegajosa em seus múltiplos tentáculos, que engolfou o galeão como a mão de um deus inclemente. E depois veio a chuva, uma chuva áspera, pesada e contínua, encontradiça apenas nas regiões mais agrestes e desoladas dos trópicos. Então ribombaram trovões. Os raios retalharam a neblina como finíssimas garras nervosas. Sentimos todo o casco estremecer, perfurado pelos gumes afiados dos arrecifes angulosos. O casco rompeu-se docilmente, como se a sua substância fosse tênue como o invólucro de um ovo. A água jorrou por todos os lados e eu fui violentamente arremessado ao mar. Embora fosse dia, a névoa densa convolava tudo em treva, e foi com muita sorte que consegui me segurar a um barril de vinho em que um velho companheiro já havia buscado refúgio.

A tempestade amainou, mas o ar continuava saturado pela neblina fria. O mar estava

incrivelmente calmo, mas não nos era admitida a projeção de um olhar capaz de perfurar a espessura de toda aquela névoa. Nada mais se enxergava. Mas, de longe — muito longe, supúnhamos —, o vento trazia uma canção melodiosa, cuja origem nos parecia um mistério tão espesso quanto eram as brumas circunstantes. Quando, finalmente, a treva se dissipou, tão inesperadamente quanto viera, eu e meu companheiro constatamos que não estávamos sós. Com horror, verificamos, aos poucos, que muitos corpos flutuavam no espelho d'água, bem próximos de nós. Eram marinheiros do Urano e todos eles traziam, singularmente, as cabeças decepadas. Os corpos desolados exibiam os pescoços cruelmente dilacerados. E não nos era possível estimar a dimensão das mandíbulas que produziram tamanha aberração.

Anoitecia. Oh, como era linda a moça que vinha ao nosso encontro, em seu bote gracioso, para nos salvar! Com que elegância e delicadeza nos estendeu os braços brancos e majestosos! Com que cuidado nos deu água, vinho e pão! Era ela diáfana como o orvalho da primavera e longos eram os seus negros cabelos, que a brisa enfunava com uma meiguice sem fim. Vestia uma túnica branca, como de deusa grega, que descia do colo e lhe escondia completamente os pés.

Quando a noite veio, repleta de luar, a nossa salvadora acendeu o lume e nos cantou maviosamente, como nos cantaria uma sereia.

Assim que meu companheiro adormeceu, a musa chamou-me a si e me selou com um beijo calmo e profundo. A princípio doce, saboroso, seivoso... Mas a seiva azedou, ganhou a consistência de uma gosma, repugnante como o sabor de ostras apodrecidas. Nauseado, o meu companheiro despertou. Fora a intensidade do cheiro pútrido, de criaturas marinhas decompostas a exalar da mulher que o fizera acordar. A verdade é que eu queria me desvencilhar da criatura, mas não podia. Estava preso a ela como ostras incrustadas nos cascos de navios avoengos. Então a coisa me repeliu. Avançou para o meu amigo, engendrando um bote assustadoramente rápido e eficaz. Seus olhos, que agora eram dois imensos globos de azeviche, refletiram o grito inerme do meu companheiro. E da fralda de sua túnica escapuliu, pesadamente, a cauda de peixe, a mesma cauda que ela tão bem escondera de nós, mas que agora, em sua excitação, pôs- se a abanar num ritmo frenético.

Percebi na luminescência que o candeeiro irradiava, que a pele da coisa se rompia, rasgava-se em tiras, desnudando malhas de escamas sobrepostas, fortemente unidas entre si, mas maleáveis, escuras e fétidas. Seu rosto se fazia bojudo, opaco, guarnecido de forte e saliente mandíbula, encrespada por dentes anavalhados. Então aquilo distendeu assustadoramente os maxilares, de onde escorria uma gosma pútrida, e, num assalto voraz, lacerou a cabeça de meu amigo.

Com horror, vi que a coisa se punha a mastigar e a engolir ruidosamente, com uma voracidade somente comparável ao deleite que o triturar do crânio lhe produzira.

Depois, a coisa atirou-se ao mar. E, enquanto lentamente se afastava, a Lua me permitia ver que a sereia retomava, aos poucos, do púbis para cima, a bela forma de mulher.

Novamente anoitece. As brumas vieram e agora se dissipam. Estou trancafiado num catre de um pequeno barco pesqueiro. O mesmo que me recolheu, há dois dias. Julgam-me louco. Não me ouvem. Mas como eu gostaria de gritar aos homens do bote salva- vidas — que consigo divisar da escotilha esfumada desta cela imunda — para que não se aproximem daquela mulher. “Oh!”, eu diria, “Não socorram essa coisa de túnicas brancas e cabelos negros! Oh, não socorram o demônio cruel que, como um anjo indefeso, clama por socorro em um bote à deriva!”